



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH
CAMPUS IV - JACOBINA
COLEGIADO DE LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

Mariana Mesquita de Souza

**A FRAGMENTAÇÃO IDENTITÁRIA EM *ENSAIO SOBRE A
CEGUEIRA***

**JACOBINA
2018**

MARIANA MESQUITA DE SOUZA

**A FRAGMENTAÇÃO IDENTITÁRIA EM *ENSAIO SOBRE A
CEGUEIRA***

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia - UNEB, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto

**Jacobina
2018**

MARIANA MESQUITA DE SOUZA

**A FRAGMENTAÇÃO IDENTITÁRIA EM: *ENSAIO SOBRE A
CEGUEIRA***

Trabalho Final de Conclusão do Curso apresentada à
Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito
parcial à obtenção do grau de Licenciada em Letras, Língua
Portuguesa e Literaturas.

Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto
Universidade do Estado da Bahia

Prof.a. Ma. Eumara Maciel dos Santos
Universidade Federal do Oeste da Bahia

Prof. Esp. Allisson Esdras Fernandes de Oliveira
Universidade do Estado da Bahia

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida e por todas as bênçãos derramadas sobre mim;

Agradeço aos meus pais, Antônio e Cinelandia, por acreditarem em meu sucesso. Em especial, a minha mãe, por ter incentivado a minha leitura desde pequena. Te amo!

Ao meu irmão, pelos conselhos e apoio;

Aos meus familiares, pelo incentivo e amor;

A minha professora Joaciara Franco, do 3º do Ensino Médio, por ter me “apresentado” Saramago e sua obra *Ensaio sobre a cegueira*;

Aos professores de curso, tão importantes em minha vida acadêmica;

A minha turma de Letras 2013.1. Em destaque, à Amanda, André, Cleiton, Sidvan e Vilson, pois construímos laços de amizade. Obrigada pela troca de conhecimentos, vocês foram essenciais para a minha jornada;

Agradeço aos amigos Bira, Fernanda, Tarcilla e Thássia. Amo vocês.

Aos funcionários da UNEB - Campus IV. Em especial, à Andreza, Carol, Flor, Isabela, Gerly e Graça;

A João Evangelista do Nascimento Neto, meu “anjo” orientador, por ter aceitado meu convite, pela paciência, atenção e dedicação dispensada a mim durante o período de orientação, por ter compartilhado as suas ideias para o enriquecimento da minha pesquisa. Sou extremamente grata;

À Isabela Vieira, por ter contribuído de forma significativa ao meu trabalho;

À Janielle Souza, por ter ajudado na formatação da pesquisa;

À todos que, em algum momento, contribuíram com a existência desse momento, o meu muito obrigada.

Cada um de nós vê o mundo com os olhos que tem, e os olhos veem o que querem, os olhos fazem a diversidade do mundo e fabricam as maravilhas, ainda que sejam de pedra, e a altas proas, ainda que sejam de ilusão.

(José Saramago, 1995, p.12).

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo o romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, com o objetivo de questionar e refletir sobre a identidade no contexto pós-moderno. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico que toma como corpus de análise a obra do autor lusitano. A cegueira, tema central do romance, é articulada com o olhar. Um olhar que transcende os limites visuais, impostos pela sociedade da imagem, e se estende para um mundo onde o visível e o invisível são moldados no sensível. Os principais resultados apontados pelo estudo investigativo foram: demonstrar o que ocasiona a fragmentação do indivíduo, como ela ocorre e de que forma os personagens a incorpora. Acredita-se que a cegueira descrita como um sol dentro de um nevoeiro é a metáfora de um sinuoso caminho rumo à visão, à aprendizagem do olhar. Ela viabiliza o processo de um certo estilo de visão, que parte do corpo como algo que me abre ao mundo e me possibilita, no movimento da existência, a direção ao outro. Fundamentadas nos estudos de Stuart Hall (2006), Carlos Reis (1998), Michel Foucault (1979) e Marc Augé (1994) busca-se ressaltar o romance de Saramago como espaço de questionamento do homem no mundo.

Palavras-Chave: Cegueira. José Saramago. Pós-modernidade. Identidade.

ABSTRACT

This work aims to study the novel *Essay on the blindness* of José Saramago, with the objective of questioning and reflecting on identity in the postmodern context. It is a qualitative research of bibliographic character that takes as corpus of analysis the work of José Saramago *Essay on blindness*. Blindness, the central theme of the novel, is articulated with the eye. A look that transcends the visual boundaries, imposed by the image society, and extends to a world where the visible and the invisible, are shaped in the sensitive. The main results pointed out by the investigative study were: to demonstrate what causes the fragmentation of the individual, how it occurs and how the characters incorporate it. Believing that the blindness described as a sun in a fog is the metaphor of a winding path to sight, to learning the look. It enables the process of a certain style of vision, which departs from the body as something that opens me to the world and enables me, in the movement of existence towards the other. Based on studies by Stuart Hall (2006), Carlos Reis (1998), Michel Foucault (1979) and Marc Augé (1994) seeks to highlight the novel of Saramago as a space for questioning the man in the world.

Keywords: Blindness. José Saramago. Postmodernity. Identity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. IDENTIDADE FRAGMENTADA, O “EU” PÓS-MODERNO	12
3. O QUE É CEGUEIRA?	16
3.1. CEGOS SOCIAIS	17
3.2.1. Helen Adams Keller	18
3.2.2. José Feliciano	19
3.2.3 Andrea Bocelli	20
3.2.4 Kátia Garcia	20
3.2.5 Felipe de Souza	21
3.2.6 João Maia	21
3.2.7 Geraldo Sebastião Magela Dias	22
3.3. PERSONAGENS CEGAS NA LITERATURA	23
4. NOVAS LENTES E PERCEPÇÃO SOBRE A OBRA <i>ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA</i>	29
4.1. MITO DA CAVERNA <i>VERSUS</i> ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA.....	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38
ANEXOS	42
ANEXO 01- GLOBO OCULAR	42
ANEXO 02 - HELEN ADAMS KELLER	43
ANEXO 03 - JOSÉ FELICIANO	44
ANEXO 04 – ANDREA BOCELLI	45
ANEXO 05 – KÁTIA GARCIA	46
ANEXO 06 – FELIPE DE SOUZA	47
ANEXO 07 – FELIPE DE SOUZA	47
ANEXO 08 – JOÃO MAIA	48
ANEXO 09 – GERALDO SEBASTIÃO MAGELA DIAS	48

1. INTRODUÇÃO

Durante o Ensino Médio, no Colégio Estadual Luiz Eduardo Magalhães - Modelo, muitas foram as descobertas que, aos poucos, iam-se realizando. Dentre tantas, a principal revelou-se como sendo o demasiado interesse por tudo que dissesse respeito à Literatura. Compreender o uso da língua, analisar e interpretar um texto ou obra, experimentar sensações e efeitos estéticos para entender a sociedade em que vivemos e as que já se passaram apresentaram-se como algo fascinante.

No 3º ano, fui apresentada à obra de José Saramago, *Ensaio sobre a cegueira*, pela professora de Língua Portuguesa Joaciara Franco. Uma leitura intrigante e laboriosa e, ao mesmo tempo, instigante. Por falta de maturidade literária, a compreensão metafórica da obra foi tardia. Ler Saramago é uma experiência única que nos remete instantaneamente a sensações, como: estranhamento, sedução, encanto, confusão, fascínio, revolta. Isso porque não se trata de um escritor convencional. Ele subverte as regras a seu favor. Vírgulas, pontos finais, pontos e vírgulas são manipulados pelo escritor de forma a aproximar sua escrita à oralidade e aproximá-lo de seu leitor.

A partir das aulas ministradas pelo professor Joaquim Gama de Carvalho, no componente curricular Cânones e Contexto da Literatura Portuguesa, renasceu em mim o interesse por pesquisar sobre José Saramago e o seu modo de narrar, que demonstra claramente preocupação com o histórico e com o social. É impossível não perceber o vínculo entre sua obra e os problemas que afetaram, e afetam, a sociedade. O estilo *saramaguiano*, com longos períodos e parágrafos e seu uso nada convencional da pontuação, faz com que o ritmo da história assemelhe-se à oralidade, o que aproxima seu romance da realidade do leitor e lhe dá credibilidade. Essa credibilidade alcançada através do seu estilo de escrever reflete-se na construção de suas personagens que, envolvidas por um enredo (representação da sua realidade social) conturbado, passam a ter o nível de veracidade diretamente relacionado com o grau de complexidade que vai ganhando dentro da narrativa.

Não é mais possível conceber o sujeito sendo portador de uma identidade única e indissolúvel; em Saramago, o indivíduo é composto por uma pluralidade de “eus”, identidades que se alternam, nascem, transformam-se, fundem-se de

acordo com as necessidades impostas pelo meio social em que esse indivíduo se encontra. É graças a essa “infinitude” comportamental, da qual o homem é composto, que lhe é possível adaptar-se, reinventar-se, crescer e aprimorar-se. O que se procura, neste trabalho, é demonstrar, de forma sucinta, como o autor lida com a questão da identidade em sua obra. Na literatura, a pós-modernidade tenta romper com esse padrão, caracterizando-se, então, pela descontinuidade, pelas quebras de sequência narrativa, pelo uso de todas as linguagens, pela intertextualidade, pela confluência de estilos. O importante são as possibilidades de relativização e pluralismo, a tematização. Assim, a pós-modernidade gera o homem fragmentado e a literatura, pelo seu caráter eminentemente discursivo, tem sido o espaço em que as localizações do sujeito e as construções da identidade afloram, permitindo-nos uma visualização clara de como os indivíduos de épocas diversas concebiam e construam suas identidades. Dos autores modernos, ninguém melhor do que José Saramago que demonstra em seus livros que a verdade sobre o passado é inacessível, e cria, portanto, sua versão própria, alternativa, da história, substituindo o que foi pelo que poderia ter sido, para expor e dispor da identidade do sujeito.

A Pós-Modernidade, por sua total falta de definição (ou excesso de definições), vive uma eterna “crise de identidade”, a qual é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que desloca as estruturas e os processos das sociedades modernas e abala os padrões de referência que davam aos indivíduos uma sensação de estabilidade no mundo social. O conceito de identidade pessoal também passa por mudanças na medida em que a visão de um sujeito integrado se desfaz. Essa perda de um “sentido de si” ocasionou o que se denomina “deslocamento ou descentralização do sujeito”. O que gera a crise de identidade é, acima de tudo, a descentralização dos indivíduos, tanto do seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmos. De acordo com Prof.^a Dr.^a Shirley de Souza Gomes Carreira, da UNIGRANRIO (1999, p.1), em sua tese *A (des)construção da identidade na obra de José Saramago*, “a concepção de identidade mudou muito, se considerarmos a postura do sujeito do Iluminismo, evoluindo para a concepção de sujeito sociológico, até atingir o que pode ser definido como o sujeito pós-moderno”. O sujeito do iluminismo era individualista, centrado, dotado de consciência e de razão, extremamente consciente da sua identidade. Já o sujeito sociológico reconhecia, pela primeira

vez, a importância dos outros “eus”, por intermédio dos quais os valores, sentidos e símbolos do mundo por ele habitado eram mediados. Houve, portanto, um salto da individualização para a interação: “A identidade do sujeito sociológico resulta dessa interação entre o indivíduo e a sociedade” Carreira (1999, p.23). Na pós-modernidade, surge um sujeito fragmentado, sem identidade fixa permanente, formado e transformado continuamente em resposta aos estímulos da sociedade que o rodeia. Passa-se, assim, à compreensão de que o conceito de identidade unificada é uma “narrativa do eu”, construída por cada um de nós, e que o homem contemporâneo vive em permanente confronto com uma multiplicidade enorme de identidades possíveis e mutáveis, com as quais pode se identificar. A pós-modernidade é, pois, uma condição geral da sociedade do capitalismo tardio.

A pesquisa realizada neste trabalho pode ser classificada como qualitativa, pois visa reunir opiniões e informações a respeito do assunto que será analisado. Tem caráter bibliográfico e teórico por buscar traduzir as opiniões, estruturar e relacionar sistemas e modelos teóricos através de conhecimento científico previamente acumulado sobre o problema aqui explorado. Enquanto procedimento, este trabalho realiza-se por meio de informações e teorias contidas em livros que abordam a pós-modernidade, a formação da identidade, a subjetividade, a identidade na pós-modernidade e a análise literária, configurando-se, uma pesquisa documental.

No primeiro capítulo, tratamos do conceito de identidade na pós-modernidade, o “deslocamento ou descentração do sujeito” também conhecida como “crise de identidade”, as concepções de identidades e como ocorre a fragmentação do sujeito pós-moderno, teoricamente embasada nos estudos de Stuart Hall (2006).

No segundo capítulo, são apresentados aos leitores a concepção da cegueira, deficiência, e o comportamento dos indivíduos cegos, tanto na antiguidade como na atualidade; apontando uma lista de pessoas célebres que possui deficiência visual e analisando uma obra e um conto que contêm personagens cegas.

E, por fim, no capítulo três, faremos a análise sobre a obra *Ensaio sobre a cegueira*, na intenção de contextualizar o leitor sobre o enredo que cerca os

trechos escolhidos para a análise e refletir sobre o seu papel na construção da história da humanidade, baseando-se nos estudos de Marc Augé (1994), que analisa a relação do homem com o espaço, a questão da identidade e da coletividade; e, finalizando o capítulo, analisamos o *Mito da caverna*, de Platão que faz diálogo com o *Ensaio sobre a cegueira*, apontado o conceito de cegueira pelo olhar dos dois autores

Espera-se que, ao final desta pesquisa, o leitor possa compreender como se forma o processo de fragmentação identitária na pós-modernidade e que esse “eu” se alterna e transforma-se de acordo com a necessidade ou a mudança social imposta. Parafrazeando Saramago (1995, p. 10): “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”.

2. IDENTIDADE FRAGMENTADA, O “EU” PÓS-MODERNO

Durante os anos que antecederam o momento atual, chamado por muitos estudiosos de pós-modernidade, ou modernidade tardia, as identidades que cada indivíduo assumia perante a sociedade eram bem definidas e ajudavam a manter estabilizado o mundo social. Porém, acredita-se que, hoje em dia, tais identidades entraram em declínio, fazendo surgir novas identidades que acabam por fragmentar o indivíduo moderno. Essa fragmentação é chamada “crise de identidade” por fazer parte de um processo de mudança maior, que, segundo Stuart Hall (2006, p. 07), “está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que” mantinham o indivíduo unificado, estável. Há uma vertente, com a qual Hall (2006) concorda, que diz que as identidades modernas estão sendo fragmentadas. Mas ele lembra ainda que esse é um assunto muito complicado de se debater devido ao fato do conceito de “identidade” ser pouco desenvolvido e, por isso, pouco compreendido pela ciência social contemporânea.

No passado, as estruturas culturais (bem como seus conceitos) nas quais a sociedade se baseava, como raça, sexualidade, nacionalidade, etc. eram muito bem definidas e, por isso, forneciam uma base sólida e estável para os indivíduos que a compunham. Mas, desde o final do século XX, tais estruturas têm passado por transformações e estas têm afetado, também, nossas identidades pessoais, as ideias que tínhamos de nós mesmos, segundo Hall (2006, p. 97), como “sujeitos integrados”. Essa mudança, que ocasiona tanto um sentimento de perda do lugar social e cultural que esse indivíduo ocupava, quanto um sentimento de perda de si mesmo, pode ser chamada de “deslocamento ou descentração do sujeito” e é esse deslocamento que incita a dúvida, a incerteza no indivíduo iniciando a crise de identidade.

Para entender melhor como a identidade era vista antes e hoje, o autor trabalha com três concepções diferentes de identidade: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo é baseado no conceito de um indivíduo completamente centrado, dotado de razão, consciência e capacidade de ação. Sua identidade nascia com ele e se desenvolvia à medida que esse indivíduo crescia, mas sua essência continuava sempre a mesma, imutável, sólida. Nessa concepção, o centro do sujeito era sua identidade,

coração da sua personalidade. Já o sujeito sociológico era visto de forma mais complexa, sua identidade não era considerada autônoma e autossuficiente, mas sim fruto da interação com o meio e com outros indivíduos, que mediavam os valores, sentidos e símbolos para o sujeito. Apesar de a identidade do sujeito sociológico ser formada das interações social e pessoal, ainda se acreditava haver um núcleo ou essência interior que formava o sujeito, mas esse núcleo já não era mais imutável, os “mundos culturais ‘exteriores’” formam e modificam essa essência. Essa concepção cultural de interação do sujeito faz com que o indivíduo veja a si próprio nessas identidades culturais, reconheça-se nelas, tal é a força com que ele as internaliza. Dessa forma, passamos a ser um só com o lugar social que ocupamos no mundo. Segundo Hall (2006, p. 76), “a identidade, então, costura o sujeito à estrutura” e é essa ligação que estabiliza não apenas o sujeito, mas também o mundo que ele habita.

A fragmentação do sujeito ocorre a partir do momento em que ele se percebe composto não de uma, mas de várias identidades que podem ser contraditórias e até mesmo não resolvidas. Essa percepção derruba o conceito de identidade una e estável que equilibrava a nossa subjetividade com as “necessidades’ objetivas da cultura” e o resultado é a crise, o colapso da identidade.

Nós não somos uma unidade, somos uma pluralidade, levamos a vida a disciplinar ou a controlar essa palpitação de figuras que levamos dentro, tentamos apresentar-nos ao mundo e aos outros como unos e inteiros: às 44 vezes consegue-se, outras vezes consegue-se com maus resultados, que podem levar ao suicídio ou que podem levar à loucura. Tenho que dizer que nunca passei por conflitos dessa ordem. (REIS, 1998, p. 134)

Esse processo confuso, variável e problemático de identificação produz o sujeito pós-moderno, um sujeito sem identidade fixa, permanente, que é formada e transformada sempre mantendo uma relação direta à forma como é representado dentro do sistema cultural ao qual está inserido e, por isso, passa a ser definida historicamente e não mais biologicamente.

Essas diversas identidades, que coexistem de forma contraditória dentro do sujeito, estão em conflito, em constante movimento e se manifestam de acordo com o momento vivido pelo sujeito. Essa pluralidade é percebida além do nível individual. A sociedade também passa por esse deslocamento no que diz respeito ao poder. Não há um centro único de poder, mas sim uma “pluralidade de centros de poder”, a sociedade se organiza e se articula em torno de diversos interesses e evolui a partir de si mesma, sendo a diversidade sua característica principal. São essas diferenças que impedem que muitas sociedades se desintegrem completamente, pois elas possibilitam as mais diversas articulações com as novas sociedades que se formam. A estrutura da identidade permanece aberta, mas, se assim não fosse, não seria possível diferentes sociedades se articularem e, sendo assim, não haveria história.

Ao mesmo tempo que esse constante deslocamento desarticula identidades consideráveis estáveis no passado, ele abre possibilidades para que novas identidades sejam criadas. Três momentos distintos da identidade são elucidados na obra de Hall (2006) visando a uma maior compreensão do tema. Na época que precedeu a modernidade, as pessoas não eram consideradas indivíduos, mas o conceito de identidade existia, porém, além de ser diferente do conceito atual, era vivido de forma diferente. Com o avanço da modernidade, a noção de identidade muda e surge o sujeito como indivíduo, possuidor de sua própria identidade. As mudanças decorrentes da modernidade libertam o indivíduo das estruturas e tradições e o homem passa a constituir o centro do universo. Ao mesmo tempo que esse conceito liberta o sujeito, ele também o aprisiona às consequências de suas práticas.

Entretanto, essa ideia individualista do sujeito vai mudando à medida que as sociedades modernas vão-se tornando mais complexas, até chegar ao ponto em que adquire um caráter mais coletivo e social. E para isso dois eventos foram importantes: a “biologização” do ser humano através da teoria evolutiva de Darwin e o surgimento das novas ciências sociais. Com o surgimento do modernismo, o conceito de indivíduo volta a mudar, dessa vez sob uma ótica mais perturbadora onde o ambiente é apenas pano de fundo, completamente impessoal. O indivíduo nessa nova fase é tido como isolado, exilado ou alienado, uma prévia do que viria a ser o sujeito pós-moderno.

A fragmentação ou deslocamento que ocorre na identidade do sujeito pós-moderno acontece devido a várias rupturas no discurso do conhecimento moderno.

3. O QUE É CEGUEIRA?

A cegueira trata da perda total ou parcial da visão. Isto pode ser causado por inúmeros fatores, tais como traumas oculares ou patologias oftalmológicas que se agravam por falta de tratamento adequado ou gravidade da doença ocular. A cegueira pode ser congênita ou adquirida ao longo da vida do indivíduo. O dano que impede a pessoa de enxergar pode ser causado no nascimento, ainda durante a gestação ou em algum momento ao longo da vida da pessoa cega. Esta é uma deficiência visual que pode influenciar diretamente no dia a dia do paciente e terá de se adaptar ao mundo que vive sem este importante sentido.

De acordo com Marques (1994), essa deficiência pode ser nas estruturas transparentes dos olhos, na retina, no nervo óptico ou no cérebro. Há diferentes casos de cegueira, podendo ser congênita, que ocorre pela má formação ocular ou cerebral, cegueira por traumatismos, por medicamentos que afetam a visão e por portadores de doenças infecciosas. Nas regiões tropicais e glaciais, há maiores números de cegos que nas regiões temperadas. Nas regiões tropicais, há maior risco de doenças infecciosas que podem comprometer a visão; nas regiões glaciais, ocorre pelo reflexo solar muito intenso sobre a neve após um longo período de escuridão que desgasta a visão.

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (2001), cego é aquele que está privado momentânea ou permanentemente da visão. Esta é, no entanto, uma definição simplória, mas há uma enorme diferença entre ser ou estar cego. Quando se é cego, o corpo e a mente já se adaptaram à nova condição e passa a criar meios para que a deficiência seja suprida de alguma forma. Historicamente, os deficientes percorreram caminhos difíceis e se depararam com diversos obstáculos no âmbito social.

Neste contexto, eles foram castigados, condenados, sacrificados e excluídos do convívio social, pelo fato de não se enquadrarem nos padrões de normalidade estipulados pelos grupos sociais a que pertenciam. Durante séculos, a ideia de normalidade perseguiu os deficientes e determinou seus destinos. Isto ocorria porque a deficiência é um fenômeno construído socialmente, varia de cultura para cultura, e está impregnada de crenças, valores e ideologias. Nas sociedades primitivas, por exemplo, as pessoas cegas eram vistas como possuídas por espíritos malignos, pecadoras; por essas razões,

eram mortas ou abandonadas. Dessa forma, em grande parte das sociedades primitivas, não havia cegos, pois manter qualquer contato com eles significava manter contato com um espírito mau. O cego era, portanto, objeto de temor religioso (FRANCO; DIAS, 2005).

Na Antiguidade, de modo geral, as pessoas que nasciam com deformidade ou qualquer anormalidade eram abandonadas, negligenciadas ou mortas de diferentes maneiras. Essas práticas eram muito comuns nas regiões da Europa, sobretudo, na Grécia, Roma e Egito, onde o culto pelo corpo saudável e forte eram fatores decisivos na época: “As crianças com deficiências físicas ou mentais nascidas em Esparta eram eliminadas ou abandonadas, já que eram consideradas subumanas” (FRANCO; DIAS. p,12. 2005).

A maior parte das pessoas pensa que a cegueira se manifesta como uma escuridão eterna, mas acontece de forma diversa: ocorre os que nasceram cegos, os que perderam a visão muito cedo e os que deixaram de ver numa idade em que o cérebro já estava condicionado à ideia visual da realidade. Vejamos dois tipos de cegueira:

No primeiro caso, a cegueira não poderia jamais constituir escuridão pelo simples fato de que o escuro é a ausência da luz. Se o indivíduo é cego de nascença, ele nunca viu a luz, portanto, não possui ideia do que seja o escuro. O mesmo acontece quando se perde a visão antes dos cinco anos de idade, quando o cérebro ainda não está adaptado ao mundo das imagens e das cores. Quando o problema é esse, após algumas semanas da perda da visão, a criança já se comporta como se nunca tivesse enxergado.

No segundo caso, há o que passou a chamar-se "cegueira branca". O cérebro está tão habituado a criar imagens que nunca mais deixa de fazê-las. A falta de visão, nesses casos, pode ser substituída psicologicamente por manchas ou mesmo imagens que os acompanham pelo resto da vida. Trata-se de imagens permanentes, uma tentativa da mente de suprir a falta do montante de informações que costumava entrar no cérebro através dos olhos.

3.1 CEGOS SOCIAIS

O mundo dos famosos é permeado por holofotes, aplausos e admiração. Ao se destacar por um feito ou por trabalhar na TV ou cinema, as pessoas

ganham o status de celebridade. Quando se fala em pessoas famosas, geralmente, o primeiro pensamento que se tem é de uma pessoa rica, bela e com corpo perfeito, entretanto, nem toda celebridade é financeira e esteticamente perfeita. Algumas destas pessoas possuem limitações e até deficiência física, porém, isto não as impede de brilhar, conquistar seus sonhos e até mesmo revolucionar o mundo, isto prova que deficiência não precisa ser sinônimo de incapacidade ou estagnação.

Existem pessoas que não se deixaram abater por possuir uma deficiência, são verdadeiros exemplos de superação, exemplo disto, são as pessoas cegas que se tornaram famosas, além dos problemas corriqueiros que todo mundo possui, mostraram que a deficiência visual não é empecilho para o sucesso pessoal e profissional de ninguém; com trabalho e uma boa dose de autoconfiança foi possível a elas galgar uma carreira bem sucedida.

Grande parte dos deficientes visuais possuem os outros sentidos muito aguçados, isto lhes permite serem ótimos profissionais em áreas que demandam habilidades sensoriais, exigem atenção concentrada e capacidade auditiva. De acordo com a pesquisa de Marques (1994), existem cegos que exercem variadas profissões, porém, as mais comuns às pessoas cegas são fisioterapeuta, intérprete/tradutor, massoterapeuta, músico, operador de telemarketing, orientador educacional, pedagogo, professor, psicólogo, entre outros.

A maioria das celebridades cegas enfrentou o preconceito no mercado de trabalho e teve que ir além de suas capacidades, mas provou que, com boa vontade e com adaptações, tem condições de desempenhar a carreira que desejarem.

Atualmente, a inclusão social está em voga na sociedade e problemas de visão não significam mais limitação para trabalhar. Assim, temos pessoas célebres cegas que foram bem sucedidas nas mais diferentes profissões. Vejamos algumas destas pessoas:

3.2.1 Helen Adams Keller (autora, ativista política)

Hellen nasceu em Tuscumbia, 27 de junho de 1880, foi uma renomada escritora, conferencista e ativista social americana. Annie Sullivan foi professora de Keller e o método pelo qual a ensinou a se comunicar ficou conhecido no

mundo inteiro por meio de um filme que mostrou a sua vida. Annie soletrava palavras com as mãos de Hellen, como por exemplo “boneca”, e depois dava a sua aluna uma boneca nas mãos.

Em 1902, Hellen tornou-se escritora publicando sua autobiografia. *A História da Minha Vida*. Depois, iniciou a carreira no jornalismo, escrevendo artigos no *Ladies Home Journal*. Foi a primeira pessoa surda e cega a conquistar um bacharelado, graduou-se bacharel em filosofia pelo Radcliffe College, em 1904, recebendo da instituição o prêmio *Destaque a Aluno*.

Ela conquistou títulos e diplomas honorários de diversas instituições, como a universidade de Harvard e universidades da Escócia, Alemanha, Índia e África do Sul. Em 1952, foi nomeada *Cavaleiro da Legião de Honra da França*. No Brasil, ela foi condecorada com a *Ordem do Cruzeiro do Sul* e, no Japão, com a do *Tesouro Sagrado*, entre outras condecorações.

Hellen viajou por 39 países, fez campanhas contra a guerra e palestras sobre os direitos dos trabalhadores e socialismo. Foi membro honorário de várias sociedades científicas e organizações filantrópicas nos cinco continentes. Faleceu em Westport, 1 de junho de 1968.

3.2.2 José Feliciano (cantor e violinista)

José Montserrate Feliciano García, nascido em Lares, Porto Rico, em 1945, é cantor e violonista radicado nos Estados Unidos. Feliciano nasceu cego, em uma família humilde, com mais onze irmãos. Sua família emigrou para Nova Iorque. Aos nove anos, ele aprendeu a tocar acordeão sozinho para ajudar sua família. Autodidata, passou também a praticar o violão, escutando discos de vinil. Ficou famoso em 1968 ao lançar o álbum " Light My Fire ". Feliciano é considerado como o primeiro músico latino a penetrar no mercado de música de língua inglesa, abrindo caminho para outros artistas. Ao longo de sua carreira, José Feliciano recebeu 45 discos de ouro e platina; foi indicado 16 vezes para o Grammy, recebendo o prêmio em seis ocasiões.

3.2.3 Andrea Bocelli (tenor)

Andrea Bocelli nasceu na cidade de Lajatico, Itália, em 1958, é um tenor, compositor e produtor musical. Nasceu com glaucoma congênito que o deixou parcialmente cego. Aos seis anos de idade, passou a estudar piano e depois flauta, trompete, harpa, violão e bateria. Com doze anos, levou um golpe na cabeça, numa partida de futebol, o que o levou à cegueira total. Aos doze anos de idade, venceu o prêmio *Margherita d'Oro*, em Viareggio, com a canção "O Sole Mio", constituindo a sua primeira vitória numa competição musical.

Andrea concluiu o Ensino Médio em 1980, e graduou-se em Direito na Universidade de Pisa, chegou a trabalhar por um ano como advogado, porém abandonou a profissão dedicando-se à música em tempo integral. Em 1992, consagrou-se como tenor ao gravar a canção *Miserere* com o célebre tenor Luciano Pavarotti, daí em diante, "foi vencedor de cinco BRIT Awards e três Grammys. Bocelli gravou nove óperas completas, dentre estas, as famosas *La bohème*, *Il trovatore*, *Werther* e *Tosca*, além de vários álbuns clássicos e populares, tendo vendido mais de 70 milhões de cópias em todo o mundo". (MAIOLA; SILVEIRA. 2009, p. 42).

3.2.4 Kátia Garcia Oliveira (cantora)

Kátia nasceu no Rio de Janeiro, em 1962, é deficiente visual de nascença. Começou a carreira como cantora, em 1978, com a canção "Tão Só" (compacto simples). Em 1979, lançou *Lembranças*, seu álbum de estreia, conhecido de sua carreira até hoje. Em 1987, ficou nacionalmente conhecida nas rádios com seu maior sucesso, a canção "Qualquer Jeito", uma versão de *It Should Have Been Easy*, composição de Bob McDill, gravada por Anne Murray em 1982, assinada por Roberto Carlos e Erasmo Carlos. Kátia é afilhada artística do cantor Roberto Carlos, participou de vários programas de televisão, entre eles *Roberto Carlos Especial*, exibido pela TV Globo. Ao longo de sua carreira, gravou dez discos e ganhou prêmios variados, conquistando, assim, muitos fãs.

Nos últimos vinte anos, ela se afastou um pouco da TV e se dedicou a projetos para deficientes visuais, onde divulga a voz de programas de computadores para deficientes visuais. Kátia distribuiu durante oito anos um software de acessibilidade, denominado *Dosvox*. Atualmente, a cantora voltou aos palcos, fazendo shows em várias cidades, principalmente pelo Norte e Nordeste do país.

3.2.5 Felipe de Souza Gomes (atleta)

O atletismo brasileiro tem um velocista cego de grande prestígio no mundo do esporte. Felipe de Souza Gomes nasceu em Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, em 1986. Ele começou a perder a visão aos 6 anos, devido a um glaucoma congênito, seguido de catarata e deslocamento da retina. O atleta iniciou sua carreira no *Goalball*, jogo praticado por atletas que possuem deficiência visual, cujo objetivo é arremessar uma bola com as mãos no gol do adversário. Depois, dedicou-se à corrida e consagrou-se como um dos principais velocistas paraolímpicos do Brasil.

Em Londres, 2012, conquistou duas medalhas na Paraolimpíada: um ouro e um bronze. Em 2015, conquistou medalha de ouro nos 200m e prata nos 100m no Mundial. Em *Dohano*, mesmo ano, Felipe também conquistou o ouro nos 400m, revezamento 4x100m, prata nos 200m no Parapan-Americanos em Toronto e ouro nos 100m, 200m e 400m no Open em São Paulo.

3.2.6 João Maia (fotógrafo)

Existem algumas profissões que imaginamos serem impossíveis para pessoas com cegueira, como é o caso da profissão de fotógrafo, porém o piauiense João Maia é prova de que isto é possível. Maia mora em São Paulo e sempre gostou de fotografar, porém a fotografia era apenas um *hobby* na vida do, então, funcionário dos Correios. Ele perdeu a visão em 2004 e trabalhou nos Correios até se aposentar em 2008. Desde então, passou a trabalhar profissionalmente como fotógrafo e palestrante. João possui uma uveíte bilateral, ele perdeu a vista do olho direito após um descolamento de retina, no olho esquerdo, a consequência da inflamação foi uma

lesão no nervo óptico. Atualmente, só enxerga vultos coloridos, o que o enquadra na categoria de deficiência conhecida como baixa visão.

No cotidiano, Maia leva uma vida normal, caminha sozinho e pega transporte público. Gosta de fotografar principalmente eventos esportivos. Em 2016, fotografou os Jogos Parapan-Americanos de Jovens, o que impulsionou muito sua vida profissional.

João Maia utiliza sua sensibilidade para fotografar e captar os sons para enquadrar melhor o que está fotografando. Ele expõe seus trabalhos em suas redes sociais e no site.¹

3.2.7 Geraldo Sebastião Magela Dias (humorista)

O humorismo é um caminho que pode ser perfeitamente trilhado por cegos. Geraldo Magela, "O Ceguinho", nasceu em Belo Horizonte em 1958 e, atualmente, é um dos humoristas brasileiros de maior destaque. Com um bom humor incrível, Magela, que nasceu com uma doença degenerativa na retina denominada retinose pigmentar, faz graça com sua própria deficiência e tem em seus repertório uma série piadas e *causos* sobre cegos.

Geraldo já trabalhou como humorista na Rádio Capital, na Rádio Mineira, Rádio Inconfidência (*Clube da Criança*) e Rádio Itatiaia. Na década de 90, apresentou o programa *Alegria Brasileira* na rádio Espacial FM, onde interpretava o personagem Zé do Banjo. Na televisão, ele lançou seu primeiro *show* solo de humor em 1996, chamado *Ceguinho é a Mãe*, no Programa do Jô, no SBT e, posteriormente, outros programas de humor, como a Escolinha do Barulho, na Rede Record. Em 2011, Magela trabalhou no cinema como ator, com o diretor Pablo Villaça no curta "Morte Cega".

O humorista apresentou recentemente o espetáculo *O melhor do Ceguinho*, na Campanha de Popularização do Teatro e da Dança. Atualmente, Magela trabalha como locutor humorista, na 98 FM, de Belo Horizonte.

Estes e outros famosos com deficiência visual são uma prova de que as pessoas cegas podem conquistar grandes feitos e seguirem carreiras de sucesso. Precisamos acreditar nas habilidades, capacidade e competência das

¹ O fotógrafo João Maia possui um site em que expõe seu trabalho. Cujo endereço eletrônico: www.fotografiacega.com.br.

peessoas cegas e dar a elas a oportunidades de viver plenamente como qualquer outro cidadão.

3.3. PERSONAGENS CEGAS NA LITERATURA

A cegueira, falta de visão, é vista na literatura como um símbolo sensibilizador de evocar outros sentidos. A ausência de visão das personagens cegas provoca nossa atenção para o que está encoberto. A literatura, enquanto manifestação da cultura de um povo, é persuadida pelas relações sociais determinadas em cada época. A linguagem, o ponto-chave da arte literária, é utilizada de forma peculiar pelo escritor para exprimir emoções e a visão de mundo de um indivíduo.

Sófocles é considerado um dos maiores dramaturgos da Grécia, destacaremos a sua obra clássica *Édipo Rei*, tragédia grega (496 a.C. - 406 a.C.) no qual a personagem Tirésias é cega. Ele foi:

Adivinho tebano, [...] por haver matado duas serpentes que copulavam foi transformado em mulher. Sete anos mais tarde, reviveu esses répteis e recuperou sua verdadeira forma. Durante uma querela com Hera, Zeus escolheu-o como árbitro, mas sua resposta descontentou a deusa, que o tornou cego. Em compensação, recebeu de Zeus o privilégio de viver muitas existências e o dom da profecia. (JULIEN, 2002, p.347)

Em *Édipo Rei* (SÓFOCLES, 1989), Tirésias, o oráculo, é consultado por Édipo, então rei de Tebas, num momento de crise:

Tu, que apreendes a realidade toda,
Tirésias, tanto os fatos logo divulgados
quanto os ocultos, e os sinais vindos do céu
e os deste mundo (embora não consiga vê-los),
sem dúvida conheces os terríveis males
que afligem nossa terra; para defendê-la,
para salvá-la, só nos resta a tua ajuda. (p. 33).

Ele tinha o poder de enxergar "a realidade toda" que não se mostrava aos olhos, via o impossível aos homens comuns, por causa da cegueira. É importante ressaltar dois pontos desse breve resumo ao clássico: primeiro, a cegueira foi imposta a Tirésias como castigo; segundo, recebeu de Zeus o dom da profecia como compensação a esse castigo.

Na Idade Média, à ideia de castigo imposta por algum poder do bem ou do mal juntou-se à de piedade, os cegos eram levados aos abrigos ou asilos para receberem proteção e atenção às suas necessidades básicas. De acordo com Kirk e Gallagher (1991), a criação de grandes asilos para abrigar pessoas com deficiência e oferecer-lhes uma educação desenvolveu-se na contemporaneidade, principalmente nos séculos XVIII e XIX. No final do século XX, e mais especificamente a partir da década de 1980, há um movimento no sentido de integrá-los à sociedade. Foucault (1979) em *Microfísica do Poder*, no capítulo intitulado "A casa dos loucos", afirma que,

Quando no começo do século XIX foram instaladas as grandes estruturas asilares, essas eram justificadas pela maravilhosa harmonia entre as exigências da ordem social que pedia proteção contra a desordem dos loucos, e as necessidades da terapêutica, que pediam o isolamento dos doentes. (p.126).

Por qual motivo os cegos eram levados para o asilo se não a separação social dos os indivíduos de “perfeita visão”? Quando o ser social não preenche os requisitos no modelo de sujeito idealizado, de alguma forma, é deletado do sistema e monitorado, para que a suposta ordem não seja pervertida. “O simbolismo da cegueira mostra-se ora como representação de incapacidade cognitiva e de autonomia, ora indicando uma visão sobrenatural e/ou compensatória, colocando o sujeito em um místico e mítico patamar de superioridade” (OLIVEIRA, 2004, p. 6).

O conto “As Cores”, de Orígenes Lessa, publicado em 1960 no livro *Balbino, Homem do Mar*, relata o drama da personagem Maria Alice, cega, que, ironicamente, vive num mundo de referências predominantemente visuais. "Como seria a cor e o que seria? Conhecia todas pelos nomes, dava com elas a cada passo nos seus livros, soavam aos seus ouvidos a todo momento, verdadeira constante de todas as palestras" (LESSA, p. 224). As cores e imagens, que concebem a mundanidade dos que enxergam, são, para Maria Alice, referências de um mundo que não é seu: "casa cheia de ecos de um mundo não seu, mundo em que a imagem e a cor pareciam a nota mais viva das outras vidas de ilimitados horizontes" (LESSA, p. 224). A garota é exposta como alguém que pertence a um mundo limitado, comparando ao das outras personagens que enxergam. Constatamos que a ideia de que os cegos ocupam

um mundo limitado e inferior é reflexo de uma formação social, pois o que realmente o limita não é a deficiência em si, mas a forma como ela é idealizada na sociedade. As pessoas cegas são condenadas como incapazes e inferiores, inaptas a progredir, a alcançar qualquer sucesso na vida.

Maria Alice tenta se adaptar ao mundo visual, relacionando às cores, "verdadeira constante de todas as palestras" (LESSA, p. 224), algum sentido para ela, por exemplo, relacionar a beleza que atribuem a um objeto pela sua cor a uma sonata de Beethoven. Mas cor é algo que não se compreende pela audição ou pelo tato. O ato de distinguir cor está contido ao mundo da visão. No conto, ver "era o sentido que permitia encontrar a beleza, sem tocar [...] ver era saber que um quadro não constava apenas de uma superfície estranha, áspera e desigual, sem nenhum sentido para o seu mundo interior" (LESSA, p. 225).

Podemos fazer uma ligação entre os dois personagens, o primeiro conto, o personagem Tirésias que, por meio de um castigo, ficou cego e recebeu o dom de pressentir como compensação da sua punição. Atribui-se ao cego uma capacidade para enxergar além, para ver o que os outros, apesar de possuírem olhos aptos, não conseguem ver:

E como tinha os outros sentidos mais apurados, sempre se antecipava na descrição das pessoas e coisas. Sabia se era homem ou mulher o recém-chegado, antes que se pusesse a falar. Pela maneira de pisar, por mil e uma sutilezas. Sem que lhes dissessem, já sabia se era gordo ou magro, bonito ou feio. E antes que qualquer outro, lia-lhe o caráter e o temperamento. (LESSA, 1960, p. 226).

A intitulada teoria da "compensação sensorial", a qual, quando o indivíduo é privado de um sentido, os outros são automaticamente reforçados, não é confirmada pela ciência. De acordo com Kirk e Gallagher,

[...] uma pessoa com visão pode tender a não prestar atenção aos sons do ambiente, que, por necessidade, tornam-se significativos para uma pessoa cega. Isto não significa que as verdadeiras capacidades de audição dos dois indivíduos sejam diferentes. (1991, p. 192).

Estudos de Telford e Sawrey (1976) confirmam que a superioridade das áreas de percepção sensoriais como tato, olfato, audição e até mesmo da memória são resultado do maior uso para obter informações e para se orientar

pelos ambientes. A ideia de sentidos altamente aguçados como compensação à falta de outro é um mito que, conforme Oliveira, tenta "fazer do deficiente um ser superior aos homens normais" (OLIVEIRA. 2002, p. 92). É certo que algumas pessoas cegas, por desenvolverem bem os sentidos do tato, olfato e audição, conseguem reconhecer e atribuir características a outras pessoas, mesmo não as vendo. Vigotski (1995) explica com clareza a "reorganização" psíquica que ocorre no indivíduo desprovido da visão:

Portanto, é preciso compreender a substituição, não no sentido de que outros órgãos assumam diretamente as *funções* fisiológicas da visão, mas no sentido da reorganização completa de toda a atividade psíquica, provocada pela alteração da função mais importante e dirigida por meio da associação, da memória e da atenção, à criação e formação de um novo tipo de equilíbrio do organismo na troca do órgão afetado. (p.36).

Analisamos no conto o quão negligentes são os personagens que enxergam com os que são privados da visão, anulando o fato de o indivíduo cego ficar sem compreender algumas coisas, repetindo-as como conceitos assimilados sem compreensão. É o que chamamos de verbalização: a pessoa conhece o mundo pelo que lhe falam dele e não a partir da própria experiência. Oportunamente, acredita-se que esse conhecimento vem da percepção "milagrosa" que os cegos teriam:

Àqueles pequeninos milagres de sua intuição e de sua capacidade de observar, todos estavam habituados em casa. Por isso lhe falavam sempre em termos de quem via, para quem via. E nesses termos lhes falava também. (LESSA, 1960, p. 226).

A personagem Maria Alice foi instruída a diferenciar os dois mundos, os dos cegos e dos aptos a visão, no Instituto que estudava: "Detestava o ambiente de humildade, raramente de revolta, que lá encontrara" (LESSA, 1960, p. 226-227). Na época em que o conto foi escrito, 1960, as pessoas com deficiência eram educadas exclusivamente em escolas especiais ou grandes institutos, totalmente segregadas do ambiente familiar e social. Essas instituições ou asilos possuem um caráter ambíguo, já apontado por Foucault (1979). A respeito dessas instituições, Marques (1994) diz que

A proliferação das instituições de amparo às pessoas portadoras de deficiência teve, e ainda tem, um duplo significado: por um lado, serviu para tirar do relento aqueles que não podiam suprir as próprias necessidades e ficaram entregues à misericórdia dos corações bondosos; por outro, contribuiu implicitamente para a manutenção da condição de subalternidade de seus internos em relação à sociedade em geral, que teve difundido e fortalecido o seu poder de controle e discriminação sobre os desviantes, que representavam, em última instância, uma ameaça à ordem social ideologicamente estabelecida. (p. 97).

A institucionalização é uma proteção à sociedade que se sente ameaçada por aqueles que colocam em evidência a identidade do sujeito tradicional como probabilidade única de existir. A personagem ocupa lugares pré-determinados aos cegos. Espaços internos, fechados, sem nenhum contato com a vida real. São eles: a casa, espaço familiar ao qual ela se adapta; e o instituto, ambiente adaptado para educar os cegos.

O ponto central da narrativa está na alusão às cores, que, inclusive, lhe atribui o título: *As cores*. Em torno desse elemento, o narrador vai mostrando a personagem que, ironicamente, tem sua vida referenciada pela cor. O mundo dos que enxergam se impõe como única forma de interação. A cor foi usada para revelar o seu contrário: a não-cor ou o não-sujeito, negado pela diferença. Maria Alice tenta adaptar-se:

Com o tempo, Maria Alice fora identificando as cores como sentimentos e coisas. O branco era como o barulho de água da torneira aberta. Cor-de-rosa se confundia com valsa. Verde aprendera a identificá-lo com cheiro de árvore. Cinza com maciez de veludo. Azul, com serenidade. (LESSA, 1960, p. 227).

O momento crítico da narrativa se dá quando é revelado que o pai a impediu de casar-se, porque o rapaz era mulato:

[...] seus pais haviam surgido inesperadamente no Instituto e a haviam levado à sala do diretor e se haviam queixado da falta de vigilância e moralidade no estabelecimento. E de como, no momento em que a retiravam e quando ela disse que pretendia se despedir de um amigo pelo qual tinha grande afeição e com quem se queria casar, o pai exclamara horrorizado: — Você não tem juízo, criatura? Casar-se com um mulato? Nunca! Mulato era cor. (LESSA, 1960, p. 228).

A personagem tem sua possibilidade de realização afetiva negada pelo mesmo preconceito excludente reservado aos negros, aos de outra cor. E novamente a cor, simbólica e ironicamente, representa a impossibilidade, a não-vida para a qual é destinada a personagem.

4. NOVAS LENTES E PERCEPÇÃO SOBRE A OBRA *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*

Na sua primeira entrevista após o prêmio Nobel, Saramago afirmou que há três escritores que representam o século XX: Kafka, pela exposição das forças desumanizadoras que operam neste mundo; Fernando Pessoa, pela sua percepção de que o eu individual é na realidade múltiplo e Borges, cuja escrita revela um mundo composto por rituais. Ele explicou que em *Ensaio sobre a cegueira*, havia tentado expressar sua própria percepção daquela realidade moderna desumanizada que a obra de Kafka antecipa: seu principal objetivo no romance foi denunciar a perversão das relações humanas.

Por ser uma das formas de expressão cultural de um povo, a literatura, na maioria das vezes, busca a sua referência no que Marc Augé (1994) denomina “lugar antropológico”. Em *Ensaio sobre a cegueira*, José Saramago desconstrói as referências típicas desse lugar, que confere ao homem uma identidade, define sua relação com o meio, bem como o situa em um contexto histórico. O enfraquecimento das marcas usuais da historicidade, isto é, a referência espaço-temporal e identitária, faz do texto um espelho onde o leitor poderá observar-se e refletir sobre o seu papel enquanto cidadão do mundo, na construção da história da humanidade.

Nesse romance, Saramago opta pelo anonimato das personagens, como uma maneira de universalizar a experiência, abrangendo todas as pessoas, todos os nomes. Ao fazê-lo, nós também, leitores, somos levados para o universo ficcional e experimentamos, a cada página, a dolorosa trajetória dos cegos no romance. O texto começa em um lugar não identificado, em um tempo não muito claro, só passível do reconhecimento da sua modernidade graças aos sinais da cidade: os automóveis, os semáforos.

Um homem, cujo nome não é mencionado, fica bruscamente cego enquanto está parado, à direção do seu automóvel, à espera de que o sinal torne-se verde. O trânsito interrompido, o homem que grita estar cego, toda a cena evoca o rebuliço e a angústia do acontecimento inesperado. E o surpreendente é que essa é uma cegueira diferente, não compatível com a descrição da cegueira física, que “dizem que é negra”; é uma cegueira branca, luminosa. O cego é socorrido por um homem que o leva para casa, o qual, na

realidade, nada mais é que um ladrão, que se apossa do seu carro. Em uma conversa com o oftalmologista, o primeiro cego define a sua cegueira como “uma luz que se acende” (SARAMAGO, 1995, p. 22) e essa definição antecipa metaforicamente o percurso que os cegos terão que fazer até terem uma vaga consciência do que pensavam ser a visão constitui-se na verdadeira cegueira.

A narrativa prossegue, revelando como o ladrão e todos os clientes do oftalmologista, que estavam na sala de espera, e inclusive o próprio oftalmologista, tornam-se cegos. A epidemia se espalha e os cegos vão sendo recolhidos a um manicômio, onde ficam de quarentena.

A mulher do oftalmologista não é afetada pela epidemia de cegueira, mas, fingindo estar cega, acompanha-o. Chegando, as personagens vão se encontrando e reconhecendo umas às outras. Lá estão, além do médico e sua mulher, a rapariga de óculos escuros, que cegara em pleno êxtase em um hotel, o ladrão, o velho da venda preta, que sofre de catarata, e um menino estrábico.

Com o passar dos dias, as máscaras sociais deixam de ser importantes e necessárias. Os códigos sociais, assim como os nomes, começam a se perder em um microcosmo governado pelos sentidos:

Tão longe estamos do mundo que não tarda que comecemos a não saber quem somos, nem nos lembramos sequer de dizer-nos como nos chamamos, e para quê, para que iriam servir-nos os nomes, nenhum cão reconhece outro cão, ou se lhe dá a conhecer, pelos nomes que lhes foram postos, é pelo cheiro que identifica e se dá a identificar, nós aqui somos como uma outra raça de cães, conhecemo-nos pelo ladrar, pelo falar, o resto, feições, cor dos olhos, da pele, do cabelo, não conta, é como se não existisse, eu ainda vejo, mas até quando. (*Ensaio sobre a cegueira*. 1995, p. 64).

A supressão da identidade a partir do nome está associada à cegueira que se espalha. As personagens são identificadas por outros meios: pelas profissões que exerciam antes de ficarem cegas, pelas relações de parentesco ou por traços físicos marcantes. Ao assumirem que os nomes são desnecessários ao seu relacionamento no manicômio, as personagens deixam implícita a trajetória que terão de seguir, na descoberta dolorosa do eu e do outro.

Em *Não-lugares*, Marc Augé (1994) analisa a relação do homem com o espaço, a questão da identidade e da coletividade. Ele designa “não-lugar” todos

os dispositivos e métodos que visam à circulação de pessoas, em oposição à noção sociológica de “lugar”, isto é, à ideia de uma cultura localizada no tempo e no espaço. Segundo Augé (1994), os espaços em que vivemos carecem de uma reavaliação, pois vivemos num mundo que ainda não aprendemos a olhar. Não há como deixar de perceber a analogia entre a posição de Marc Augé e a epígrafe escolhida por Saramago (1995, p. 10): “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”.

Ao analisar as relações entre o homem e o seu grupo social, Augé nos alerta para o fato de que a organização e a constituição de lugares são um dos desafios e uma das modalidades das práticas coletivas e individuais. As coletividades têm necessidade de pensar, simultaneamente, a identidade e a relação e de simbolizar os constituintes das diferentes formas de identidade: da identidade partilhada - pelo conjunto de um grupo; da identidade particular - de um grupo ou de um indivíduo ante outros - e da identidade singular - naquilo em que um indivíduo ou grupo difere de todos os outros. Os questionamentos suscitados pela condição das personagens do *Ensaio sobre a cegueira* advêm da desconstrução e posterior construção desses conceitos.

Em *Ensaio sobre a cegueira*, não é possível identificar a cidade descrita, pois a cidade, na verdade, poderia ser qualquer uma, em qualquer tempo ou lugar, uma vez que o romance não é definido em termos de coordenadas espaço-temporais. O caminhar das personagens pela cidade, guiada e descrita pelos olhos da mulher do médico, tem por objetivo alcançar o microcosmos da casa, espaço de identidade. A invasão das casas está simbolicamente relacionada à destituição do “eu”. O retorno a casa representa uma tentativa de reencontro com uma identidade temporariamente perdida.

É a existência do não-lugar, a redimensão das relações humanas que põem o indivíduo em contato com outra imagem de si próprio e do outro. A individualidade absoluta torna-se impensável, uma vez que há uma alteridade complementar que é constitutiva de toda individualidade. Já não se pode pensar o eu sem a figura do outro. O eu individual passa a ser um dos elementos da identidade partilhada; está condicionado ao grupo ao qual pertence. É através da identidade partilhada que os cegos da primeira camarata reconstroem algo do lugar antropológico.

4.1. MITO DA CAVERNA VERSUS ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA

O *Mito da Caverna*, é uma história criada por Platão (1993), no livro *VII livro da República*, que narra, em forma de uma grande metáfora alegórica, a condição de indivíduos que, presos, estão acorrentados dentro de uma caverna escura. Por suas cabeças estarem acorrentadas, seus olhares ficavam fixos para a parede no fundo da caverna. Atrás dessas pessoas, existia uma fogueira e outros indivíduos que movimentavam, ao redor do fogo, imagens de objetos e seres, fazendo com que suas sombras fossem projetadas na parede da caverna, como se fosse um filme, onde os prisioneiros ficavam observando e julgando serem a realidade. Inesperadamente, um dos prisioneiros consegue se libertar e segue para o exterior. Assusta com a luz do sol e a diversidade de cores e formas das coisas que antes só enxergava, de modo artificial, por sombras, fazendo-o querer voltar para a caverna. Porém, com o tempo, por admirar-se com as inúmeras novidades e descobertas que fez, acostuma-se com o mundo real. Retorna para a caverna a fim de compartilhar com os outros prisioneiros todas as informações e experiências que existiam no mundo exterior. Os indivíduos que estavam ali naquele local, porém, não acreditaram no que o ex-prisioneiro relatava e o chamavam de louco. Para evitar que suas ideias atraíssem outras pessoas para os “perigos da insanidade”, os prisioneiros mataram o fugitivo.

O *Mito da Caverna* é um dos textos filosóficos mais debatidos e conhecidos pelo Ocidente, servindo de base para explicar o conceito do senso comum em oposição ao que seria a definição do senso crítico. Segundo o pensamento platônico, que foi bastante influenciado pelos ensinamentos de Sócrates, o mundo sensível era aquele experimentado a partir dos sentidos, onde residia a falsa percepção da realidade; já o chamado mundo inteligível era atingido apenas através das ideias, ou seja, da razão. O verdadeiro mundo só conseguiria ser alcançado quando o indivíduo percebesse as coisas ao seu redor a partir do pensamento crítico e racional, dispensando apenas o uso dos sentidos básicos.

Em o romance *Ensaio Sobre a Cegueira*, o cenário em que se passa a narrativa caracteriza-se pelo aspecto urbano e caótico, um retrato conciso de rotinas frenéticas representado pela pós-modernidade. A velocidade, a euforia,

os motores acelerando e cuspidando fumaça, todas estas características típicas de uma cidade grande eram, até então, assim como em o *Mito da Caverna*, a única realidade da qual todos os personagens vivenciavam. Em meio a toda essa agitação, um homem, que aparentemente havia parado o trânsito, afirma estar cego, mas uma cegueira distinta; não de trevas, mas de luz; não negra, e sim branca como o leite.

Em pouco tempo, vários outros casos semelhantes passaram a ser registrados, sendo a origem de todos estes o contato com o primeiro indivíduo, o que ocasiona a confirmação de ser uma “epidemia”, uma doença altamente contagiosa. Por fim, este “mal” ultrapassa todos os limites da cidade, tornando-se um desastre universal. Entretanto, curiosamente, “a mulher do oftalmologista” é a única que não é afetada pela doença. A “cegueira branca”, dessa forma, encontra-se aqui como uma alegoria, a qual, dialogando com *Mito da Caverna* de Platão, expõe um pensamento incompatível.

Para Platão (1993), a escuridão representava a irracionalidade, os instintos, enquanto a luz, este terceiro elemento, assumia o status de “razão pura”. A cegueira branca trata do esclarecimento sobre “si mesmo”, no qual a luz, ao contrário de o *Mito da Caverna*, em vez de libertação e visão nítida de todas as coisas, trouxe a cegueira, a impossibilidade de percepção efetiva, que guiou o homem ocidental desde o primitivismo até a civilização atual. A mulher do médico, por ser a única não contaminada pela cegueira, encontra-se semelhante ao sujeito que se liberta e consegue chegar ao exterior da caverna, podendo, finalmente, descobrir a verdade sobre todas as coisas.

A cegueira branca significa a luz que cega, por iluminar-se a si mesma, configura-se no processo pelo qual se desenvolve a “maioridade racional” a que Kant (1985) tanto aspirou. Trata-se do esclarecimento efetivo no qual este faz um esclarecimento sobre si mesmo. Como afirmou Jung (2000, p. 447), “O Homem que não atravessa o “Inferno de suas Paixões” também não as supera”. Nesse sentido, a cegueira branca configura-se no processo do reconhecimento “de si mesmo”. Denota-se, aqui, um idealismo transcendental com relação ao mundo ideal de Platão. Em Suma, Platão (1993) vê a libertação através da exterioridade, da consciência objetiva e universal, do mundo inteligível da razão pura que se encontra fora do “sentimento de si mesmo”. Dado a isso, ilustra tal posicionamento em um “sair de dentro da caverna”, “libertar-se do si mesmo” e

de certa forma deixar dentro da “caverna” esta outra parte que não lhe apraz. Saramago, pelo contrário, enxerga essa possibilidade de libertação, como um voltar-se para “dentro da caverna”, um “des-velamento do si mesmo” que, no romance, é simbolizado pelo manicômio.

De acordo com a simbologia, a caverna é o lugar do renascimento, aquele espaço oco e secreto em que se é encerrado, a fim de ser incubado e renovado. Para Jung (2000), o “meio” da caverna, o seu centro, é onde jaz o tesouro, local em que se dá a incubação, o processo do sacrifício ou ainda a transformação. O mito encerrado por trás deste curioso símbolo tem o seguinte sentido: quem por acaso chega nessa caverna, isto é, na caverna que cada um tem dentro de si, é envolvido em um processo de transformação, a princípio inconsciente, “cego”. Através dessa entrada no inconsciente, “na cegueira”, o indivíduo produz uma conexão de sua consciência com os conteúdos inconscientes. A partir daí, pode então ocorrer uma grande modificação de sua personalidade no sentido negativo ou positivo. Como evidência disto, tomam-se por base as próprias atitudes comportamentais dos personagens de o *Ensaio Sobre a Cegueira*, que se encontravam encerrados em um manicômio, em contato frontal com os seus mais animais instintos.

Conclui-se, por fim, que em o *Mito da Caverna*, a luz encontra-se “fora”, o oposto do que ocorre em o *Ensaio Sobre a Cegueira*, no qual a luminosidade que cega é localizada “dentro”. O primeiro abrange o campo universal, ao passo que o segundo, o individual. Saramago promove, dessa forma, uma inversão do *Mito da Caverna*, na qual o “fora” é a ilusão, a razão instrumental que conduziu o homem à barbárie. Em contrapartida, o dentro transfigura-se na verdadeira realidade que, enquanto vontade “cega”, domina a consciência, a possui, fazendo dela apenas uma maquiagem, uma máscara. Fazer cair as máscaras é a real intenção de *Ensaio Sobre a Cegueira*, para que, só então, torne-se consciente aquilo que antes havia sido reprimido e sufocado pelo positivismo. Tomando consciência da verdadeira natureza humana, que em nada se distingue da natureza de fato, é que se torna possível adquirir a “maioridade racional”, na qual a razão paira sobre ela mesma e não mais seja uma espécie de alienação, como pode ser percebido claramente nos interstícios da pós-modernidade. Tal fato foi o ocorrido, quando novamente os cegos voltaram a enxergar, mas desta vez com um novo olhar, já transcendido e transfigurado pela

individualização. Com efeito, este é o convite que Saramago nos faz, cuidando com afincos, para que nos reconheçamos em cada personagem da sua obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pós-modernidade colocou em jogo todos os conceitos pré-estabelecidos pela modernidade. A grande definição da pós-modernidade é a própria indefinição. Nesse sentido, o sujeito pós-moderno se vê em permanente confronto com a multiplicidade enorme de identidades possíveis e mutáveis, com as quais se identifica temporariamente. O mundo pós-moderno enfrenta uma pluralidade de centros de poder: as múltiplas divisões e antagonismos sociais produzem uma variedade de posições do sujeito, de identidades, mas também abre possibilidades de criação de novos sujeitos. Esses diferentes sujeitos e suas diferentes construções afloram na literatura, por seu caráter discursivo, e José Saramago parece saber, melhor que ninguém, como passar para a ficção esse sujeito fragmentado, pós-moderno, questionando, desconstruindo, deslocando e descentrando suas diferentes identidades. A questão da identidade na obra de Saramago visa a uma redimensão do “eu” em um mundo capitalista e consumista que dita comportamento sociais.

A “visão” na obra pode ser representada como a tekne: “O objetivo da tekne é a produção, ela sabe o porquê do que faz ou produz” (SAMUEL, 2002, p. 10). A mulher do médico – personagem que irá representar a visão do mundo no qual vive – É essa personagem que irá conseguir, de certa forma, ajudar aqueles que estão ao seu lado: um ladrão, um criança sem mãe, um velho que cegara duas vezes ou aquele que cego ainda esteja agarrado ao materialismo do mundo em que vivera e ainda uma mulher desamparada.

Foi essa “visão” que conseguiu se situar além do bem e do mal, essa “visão” tão resistente a essa “luz” que cegara um mundo, uma humanidade. Por que essa “visão” resiste a essa cegueira?

Vê somente aquele que possui vontade de ver, “que não introduz a sua vontade nas coisas, introduz nelas pelo menos um sentido: quer dizer, acredita que existe já ali dentro uma vontade – princípio de fé. (NIETZSCHE, 1996, p. 20).

A cegueira é branca porque desmaterializa a cegueira comum e é essa desmaterialização que causa pânico e desumanização. A desumanização é que questiona os valores quando se tinha visão. E somente “aquela” que não cegara,

exatamente por saber o que fazer e ter fé naquilo que faria, é que consegue superar os valores, o caos e, em seu último momento, ainda ver a contemplação de uma cidade que voltara a enxergar.

Desconstruir a identidade é uma forma de dar voz a todos os que não têm a chance de falar. O que Saramago faz é desnudar e destruir a frágil fortaleza das aparências. Os personagens estão, em geral, sempre em busca de algo que as complete. Estão, antes de mais nada, atrás de si mesmos.

Pode-se afirmar que a obra é difícil de ser lida não apenas pelo seu contexto filosófico, mas pelo estilo de José Saramago: as falas entre vírgulas forçam o leitor a um verdadeiro mergulho em suas ideias, pois é impossível parar em meio às ideias do autor. A desconstrução do tempo linear em suas idas e vindas nas memórias das personagens, as características únicas, evocam a reflexão sobre os valores que cada um de nós tem da vida, da moral, dos costumes.

REFERÊNCIAS

AFP. “**Globalização tirana.**” *Jornal a Página da Educação*, Ano 10, nº 98, janeiro 2001, p. 26. <http://www.a-pagina-da-educacao.pt/arquivo/ImprimirArtigo.asp?ID=1295>. Acessado em 22/08/2017.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares:** introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Trad. Lúcia Mucznik, Portugal: Bertrand, 1994.

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de estética:** a teoria do romance. 3 ed. equipe de tradução (do russo) Aurora Fornoni Bernadin e outros. São Paulo:UNESP,1993

BERRINI, Beatriz. **Ler Saramago:** o romance. Lisboa: Editorial Caminho, 2 ed. 1998.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria:** literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

COMPAGNON, Antonie. **Os cinco paradoxos da modernidade.** Trad. Cleonice P. Bradão, Consuelo F. Santiago e Eunice D. Galéry. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1ª reimpressão, 1999.

CONRADO, Benoni. **Vida e morte do cego Aderaldo.** Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1976.

FRANCO, João Roberto; DIAS, Tércia Regina da Silveira. **A pessoa cega no processo histórico:** um breve percurso. *Revista Benjamin Constant*, Edição 30, abril de 2005. Disponível em: <http://www.ibr.gov.br/?catid=4&itemid=10028>. Acesso em: 10/12/2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOWLES, John e SARAMAGO, José: **entre a ficção e a história**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

GRACIA, Luis. **Entrevista**. <http://www.literaturas.com/saramagoportugues.htm>. Acessado em 14/03/ 2018.

GUIRARDO, Ciça. **José Saramago chama por Platão**. In: *O Estado de São Paulo*, 9 de dezembro de 2000.
<http://www.jt.com.br/suplementos/saba/2000/12/09/saba006.html>. Acessado em 05/11/ 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. ed. Nova fronteira, 2008.

LESSA, Orígenes. **As cores**. Orígenes Lessa. Balbino, homem do Mar. 2.ed. Rio de Janeiro, 1960.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento? *In*: KANT, Immanuel. **Textos seletos**. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

KIRK, Samuel A.; GALLAGHER James J. **A criança excepcional**. Tradução de Marília Zanella Sanvicentel. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MAIOLA, Carolina dos Santos; SILVEIRA, Tatiana dos Santos da. **Deficiência Visual**. Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2009.

MARQUES, Carlos Alberto. **Para uma filosofia da deficiência**. Estudo dos aspectos ético-social, filosófico-existencial e político-institucional da pessoa portadora de deficiência. Dissertação de mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 1994.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 16ª reimpressão, 2007.

NIETZCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Nova Cultural. SP. 1999.

OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli. **Cegueira e metáfora**. Benjamim Constant, Rio de Janeiro, v. 10, n. 28 p.3-7, 2004.

OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli. **Do essencial invisível: arte e beleza entre os cegos**. Rio de Janeiro: Revan/FAPERJ, 2002.

PLATÃO. **A República**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2014.

PLATÃO. **A República**: livro VII. Trad. Elza Moreira Marcelina. Comentários: Bernard Piètre. Brasília: UnB; São Paulo: Ática, 1989.

REIS, Carlos. **Diálogos com José Saramago**. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

SARAMAGO, José. **O autor como narrador** in: CULT Revista Brasileira de literatura, nº 17, p. 25 - 29. São Paulo: Lemos Editorial, dezembro, 1998.

SAMUAL, Rogel. **Novo Manual de Teoria Literária**. Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 2002.

SEREZA, Haroldo Ceravolo, **O Estado de São Paulo**. Caderno 2, 2 de dezembro de 2000.

<http://www.estado.estadao.com.br/editorias/2000/12/02/cad624.html>. Acessado em 08/11/ 2017.

SÓFOCLES. **A trilogia tebana**. Tradução de Mário da Gama Kury. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

Telford, C. W. & Sawrey, J. M. **O indivíduo excepcional**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1976.

VIGOTSKI, L. S. **Fundamentos de defectologia**. Havana: Editorial pueblo e educación, 1995.

Disponível em: <<https://www.deficienteciente.com.br/cegos-famosos-de-ray-charles-a-katia.html>>. Acessado em: 08/01/ 2018.

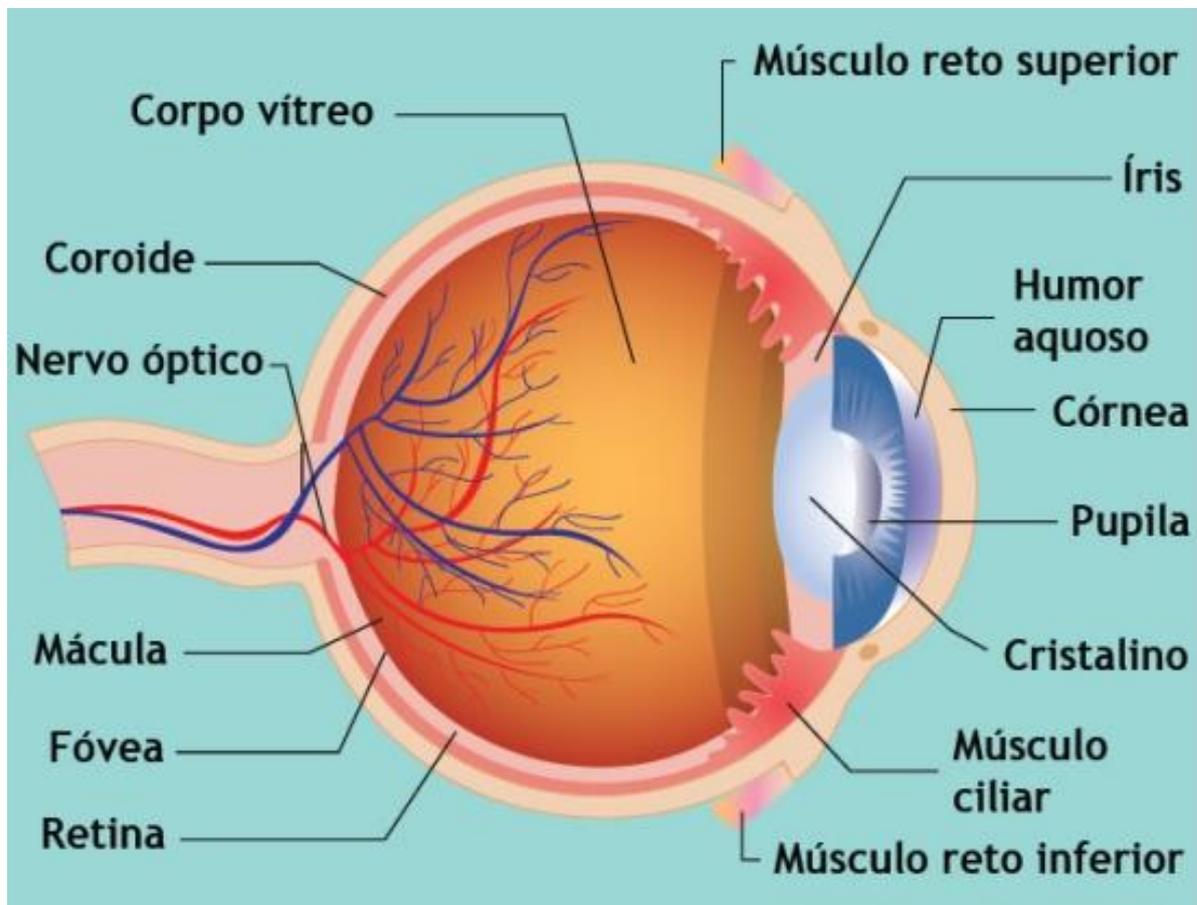
Disponível em: <<http://discutindodeficienciavisual.blogspot.com.br/p/blog-page.html>>. Acessado em 05/01/ 2018.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAasicos_cegos>. Acessado em 12/01/ 2018.

Disponível em: <<http://www.fotografiacega.com.br>>. Acessado em 02/05/2018.

ANEXOS

ANEXO 01 – GLOBO OCULAR



<https://www.google.com.br/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fimage2.slideserve.com%2F3963197%2Fanatomia-del-globo-ocular-n.jpg&imgrefurl=https%3A%2F%2Fwww.slideserve.com%2Fcurry%2Fanatomia-del-globo-ocular&docid=NaVkjWt3JUQeGM&tbnid=dUWxZfZR5ejWmM%3A&vet=12ahUKEwjg4aSkzoPcAhWLFpAKHQIlgA0A4ZBAzKCUwJXoECAEQJg..i&w=720&h=540&bih=467&biw=1024&q=globo%20ocular&ved=2ahUKEwjg4aSkzoPcAhWLFpAKHQIlgA0A4ZBAzKCUwJXoECAEQJg&iact=mr&uact=8>

ANEXO 02 – HELEN ADAMS KELLER



https://www.google.com.br/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fwww.biography.com%2F.image%2Ft_share%2FMTE5NTU2MzE2Mjc3NDc3MTMx%2Fhelen-keller-9361967-1-402.jpg&imgrefurl=https%3A%2F%2Fwww.biography.com%2Fpeople%2Fhelen-keller-9361967&docid=zTYr5bmWNb9r-M&tbnid=dbO87tU10njPEM%3A&vet=10ahUKEwib3O2Oz4PcAhWEIZAKHUudCuEQMwg8KA4wDg...i&w=1200&h=1200&bih=467&biw=1024&q=HELEN%20ADAMS%20KELLER%20&ved=0ahUKEwib3O2Oz4PcAhWEIZAKHUudCuEQMwg8KA4wDg&iact=mrc&uact=8

ANEXO 03 – JOSÉ FELICIANO



https://www.google.com.br/imgres?imgurl=https%3A%2F%2F50plusworld.com%2Fwp-content%2Fuploads%2F2015%2F09%2FJose-Feliciano-1970-Nationaal-Archief-wiki-CC-30-1024x672.jpg&imgrefurl=https%3A%2F%2F50plusworld.com%2Fcelebrating-seniors-jose-feliciano-turns-70%2F&docid=_6wzPTZ9k5todM&tbnid=9vfL3RDGWMF0LM%3A&vet=10ahUKEwjbx5Lxz4PcAhWDE5AKHd1OCC0QMwhBKBewEQ..i&w=1024&h=672&bih=467&biw=1024&q=JOS%C3%89%20FELICIANO&ved=0ahUKEwjbx5Lxz4PcAhWDE5AKHd1OCC0QMwhBKBewEQ&iact=mr&uact=8

ANEXO 04- ANDREA BOCELLI



https://www.google.com.br/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fimageproxy-observadoronline.netdna-ssl.com%2F700x%2Cq85%2Fhttps%3A%2F%2Fs3cdn-observadoronline.netdna-ssl.com%2Fwp-content%2Fuploads%2F2018%2F05%2F02111004%2F23250484_770x433_acf_cropped.jpg&imgrefurl=https%3A%2F%2Fobservador.pt%2F2018%2F05%2F02%2Fandrea-bocelli-diz-que-concerto-em-fatima-sera-fundamentalmente-uma-oracao%2F&docid=b0zKHj-l30xEuM&tbnid=XRI_mu4tJUDo7M%3A&vet=10ahUKEwiWwvHh0IPcAhVGh5AKHV8uAZQQMwiMASHUMFQ..i&w=700&h=394&bih=467&biw=1024&q=ANDREA%20BOCELLI&ved=0ahUKEwiWwvHh0IPcAhVGh5AKHV8uAZQQMwiMASHUMFQ&iact=mrc&uact=8

ANEXO 05- KÁTIA GARCIA OLIVEIRA



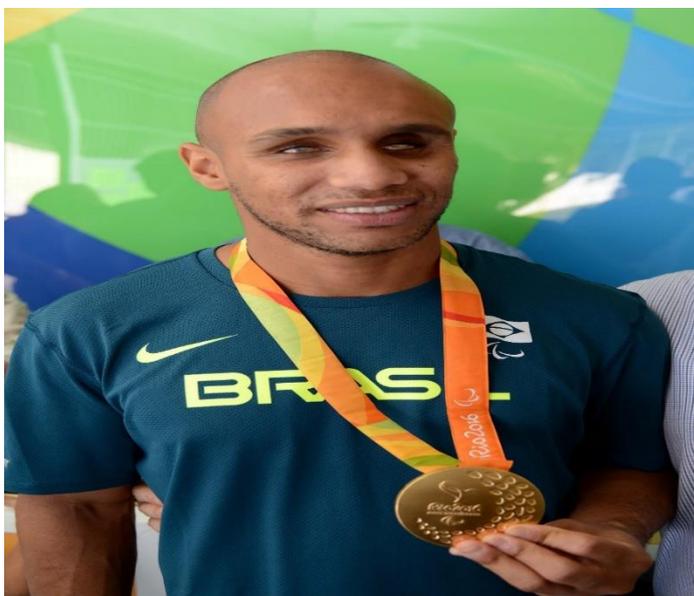
https://www.google.com.br/imgres?imgurl=http%3A%2F%2Fimgsapp2.uai.com.br%2Fapp%2Fnoticia_133890394703%2F2014%2F12%2F05%2F162180%2F20141205120408109311i.jpg&imgrefurl=https%3A%2F%2Fwww.uai.com.br%2Fapp%2Fnoticia%2Fmusica%2F2014%2F12%2F05%2Fnoticias-musica%2C162180%2Fafilhada-de-roberto-carlos-katia-poe-fim-a-um-hiato-de-oito-anos.shtml&docid=BIC4B1wTI8J0hM&tbnid=X-EiOSSAatwyhM%3A&vet=10ahUKEwjKkKG50YPcAhXBiJAKHclyABsQMwgwKAAwAA..i&w=615&h=410&bih=467&biw=1024&q=K%C3%81TIA%20GARCIA%20OLIVEIRA%20&ved=0ahUKEwjKkKG50YPcAhXBiJAKHclyABsQMwgwKAAwAA&iact=mrc&uact=8

ANEXO 06- FELIPE DE SOUZA GOMES



https://www.google.com.br/imgres?imgurl=http%3A%2F%2Fs2.glbimg.com%2FoRvvheKeneHmjP0p9q_0bb5aCjM%3D%2F44x0%3A2000x1333%2F690x470%2Fs.glbimg.com%2Fes%2Fge%2F%2Foriginal%2F2015%2F10%2F29%2F22552107706_7695a672e5_k_1.jpg&imgrefurl=http%3A%2F%2Fgloboesporte.globo.com%2Fparalimpiadas%2Fnoticia%2F2015%2F12%2Fcpb-divulga-candidatos-melhor-atleta-de-2015-no-voto-popular-confira.html&docid=XNeIA7mXqo3rzM&tbnid=IM4UwtyJeteTUM%3A&vet=10ahUKEwje-7qB04PcAhUCK5AKHTSADAUQMwg6KAMwAw..i&w=690&h=470&bih=467&biw=1024&q=FELIPE%20DE%20SOUZA%20GOMES&ved=0ahUKEwje-7qB04PcAhUCK5AKHTSADAUQMwg6KAMwAw&iact=mrc&uact=8

ANEXO 07- FELIPE DE SOUZA GOMES



<https://www.google.com.br/imgres?imgurl=http%3A%2F%2Fwww.rio.rj.gov.br%2Ffigstatic%2F64%2F47%2F21%2F6447214.jpg&imgrefurl=http%3A%2F%2Fwww.rio.rj.gov.br%2Fweb%2Fguest%2Fexibeconteudo%3Fid%3D6447402&docid=0djBUxu5dvp8yM&tbnid=8lh33jDth8lzqM%3A&vet=10ahUKEwje-7qB04PcAhUCK5AKHTSADAUQMwg7KAQwBA..i&w=2463&h=4000&bih=467&biw=1024&q=FELIPE%20DE%20SOUZA%20GOMES&ved=0ahUKEwje-7qB04PcAhUCK5AKHTSADAUQMwg7KAQwBA&iact=mrc&uact=8>

ANEXO 08- JOÃO MAIA



https://www.google.com.br/imgres?imgurl=http%3A%2F%2Foverbr.com.br%2Fwp-content%2Fuploads%2F2017%2F01%2FCannon-assunto-fot%25C3%25B3grafo-deficiente-visual.jpg&imgrefurl=https%3A%2F%2Foverbr.com.br%2Fcolunas%2Fconheca-joao-maia-o-fotografo-cego&docid=DjkeTjQjyVrsDM&tbnid=qDRnTcl3v_i49M%3A&vet=10ahUKEwjTxoSC1IPcAhUEhJAKHdsfCqoQMwg3KAlwAg..i&w=1440&h=600&bih=467&biw=1024&q=jo%C3%A3o%20maia%20fotografo&ved=0ahUKEwjTxoSC1IPcAhUEhJAKHdsfCqoQMwg3KAlwAg&iact=mrc&uact=8

ANEXO 09 – GERALDO SEBASTIÃO MAGELA DIAS



https://www.google.com.br/search?biw=1024&bih=467&tbn=isch&sa=1&ei=Oc07W5PGOISlwqTbv6jQCg&q=GERALDO+SEBASTI%C3%83O+MAGELA+DIAS&ocq=GERALDO+SEBASTI%C3%83O+MAGELA+DIAS&gs_l=img.3...43293.44419.0.45117.1.1.0.0.0.347.347.3-1.1.0....0...1c.1.64.img..0.0.0...0.8DtbEXBKELs#imgrc=IHMzT7eEleOEWM: